

CURIOSIDADE EM IBATIBA

# Moedas antigas viram alianças

Produção começou como passatempo e hoje o artesão José Laurindo, de 75 anos, ganhou clientes até de fora do País

Leandro Fidelis  
IBATIBA

Para muitos casais, a aliança é o símbolo maior da união e tem mais significado se for feita de ouro. Mas em Ibatiba, no Sul do Estado, um aposentado inovou ao produzir alianças com moedas antigas. O resultado é de impressionar.

José Laurindo, o popular “Zé Leite”, de 75 anos, começou no ofício aos 15 quando era agricultor. Ele conta que aprendeu com um tio a transformar moedas sem valor em alianças.

A atividade virou passatempo em dias de chuva e nos domingos de folga na roça. Desde então, seu Zé Leite ganhou clientes onde mora e até em outros países, principalmente noivos que não têm condições de comprar a joia de ouro.

Como o par feito com moeda custa em torno de R\$ 70, dependendo da espessura, os casais geralmente encomendam as alianças para o noivado e já deixam a medida para fazer as de casamento.

“O homem, quando fica noivo, pede uma aliança mais fina, mais discreta para começar a ir se acostumando. Depois, quando vai casar, faz mais grossa”, conta o artesão.

Cada moeda rende uma aliança. Seu Zé compra a matéria-prima de colecionadores com grandes quantidades repetidas. As moedas mais antigas são as da comemoração do centenário da Independência do Brasil, em 1922.

Em média, o artesão produz quatro alianças por dia, em um processo aparentemente simples: só usa martelo, talhadeira e medidor de anel. O local de trabalho é a garagem de casa, no centro da cidade.

Segundo Zé Leite, em dias frios, a moeda geralmente trinca e é descartada. Já quando o tempo está quente, o trabalho rende mais.

Ele já perdeu as contas de quantas alianças já fez e acredita ter usado mais de 250 quilos de moeda na produção das joias.

As alianças feitas pelo artesão já foram parar na Itália e nos Estados Unidos. O seu cálculo é que 70% das pessoas casadas de Ibatiba subiram ao altar com alianças feitas por ele, sem contar as encomendas de outras cidades, pelos Correios.

Se a matemática de Zé Leite não fecha após 60 anos fazendo alianças com moeda, a única certeza é que há muitos ourives no prejuízo com o interesse de “pombinhos” pelo material inusitado que vão carregar no dedo.

“De ouro ou moeda, aliança não segura o casamento de ninguém”, conclui o artesão.



O ARTESÃO Zé Leite mostra o processo de transformação das moedas antigas em alianças. O par custa em torno de R\$ 70



## Filha faz propaganda para seu Zé



ADINÁ exhibe alianças feitas pelo pai

A técnica em enfermagem Adiná Egídio, 47, filha do seu Zé Leite, é quem mais divulga o trabalho do pai. Ela garante clientela na Grande Vitória, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Os clientes acabam indicando outros compradores.

Adiná usa modelos e formatos diferenciados das alianças feitas com moeda em quase todos os dedos. Ainda carrega em um cordão uma moeda polida transformada em pingente.

O costume da técnica em enfermagem de andar pelas ruas com joias feitas de moeda já rendeu histórias curiosas.

“Quando eu morava em Vitória, o porteiro do meu prédio me perguntou se não tinha medo de andar com tanto ouro e não acreditou quando disse que os anéis eram feitos de moeda”, contou.

Adiná lembra também de um cliente que teve a aliança roubada em um assalto e a vítima não foi poupada mesmo afirmando que a joia não tinha valor.

Segundo ela, muitos joalheiros chegam a atestar existência de ouro na aliança de moeda. “Teve um que avaliou ter 18 quilates de ouro”, disse. Adiná garante que o material não escurece com o tempo.

## Dentes de ouro eram usados para fazer anéis em Castelo

Na década de 1950, o consultório do ex-dentista prático Anísio Ventorim, de 85 anos, tinha outras utilidades em Castelo, no Sul do Estado. Muitos noivos levavam pequenas quantidades de ouro para serem transformadas em alianças.

O caso mais curioso é de um casal de Monte Alverne, na zona rural do município, que ganhou do sogro coveiro dentes de ouro encontrados durante a limpeza das catacumbas.

“O coveiro era muito amigo meu e quis presentear o filho e a nora que iriam se casar e não tinham dinheiro para comprar as alianças prontas. Era bastante comum nas comunidades de imigrantes italianos enterrarem os mortos cheios de joias”, lembra Ventorim.

O aposentado conta que atuou durante 16 anos como dentista quando não havia regularização da profissão no interior.

Como o uso de dentes de ouro era comum na época, muitos moradores procuravam o consultório para fazê-los ou reaproveitar o material em outra peça.

O ouro era escasso, só achado em Cachoeiro de Itapemirim, a 38 quilômetros de Castelo.

“Eu fundia o ouro e depois soldava para fazer as alianças. Para dar um tom mais avermelhado, misturava cobre. Para a joia ficar mais clara, usava prata, dependendo do gosto do cliente”, diz Anísio Ventorim.

### CASOS



#### Comerciário elogia acabamento

A economia nas contas da festa de casamento foi determinante para o comerciário André da Silva, de 20 anos, optar pelas alianças de moeda. Ele ficou noivo em 2013 e já encomendou com seu Zé Leite um par para o casamento, em setembro deste ano. “É muito bem acabada. O design é o mesmo de outra aliança em ouro, que custaria R\$ 1.800”, disse.



#### Aliança de moeda virou tradição

Na mesma avenida onde vive Seu Zé, em Ibatiba, não é difícil encontrar alguém que tenha aliança feita de moeda. O casal de comerciantes Wanderley Costa, 35, e Fabiana Rodrigues Costa, 27, usa um par comprado com o artesão, assim como fez o pai do comerciante.

“Meu pai e minha mãe usam até hoje alianças de moeda. Gostei e fiz as nossas”, diz Wanderley.